

A PÁTRIA POSSÍVEL: MEMÓRIAS DO EXÍLIO NA ESCRITA DE TUNUNA MERCADO

THE POSSIBLE HOMELAND: MEMORIES FROM EXILE IN THE WRITING OF TUNUNA MERCADO

Vássia Silveira¹

RESUMO: Este trabalho pretende refletir, a partir do livro *Em estado de memória*, de Tununa Mercado, o desafio de abordar a memória traumática na escrita. A referida obra foi lançada em 1990 e reúne 16 relatos de experiências vividas por Mercado durante seus exílios na França (1967-1970) e no México (1974-1986), ambos em decorrência de ditaduras militares na Argentina. O livro descreve experiências com o exílio, até seu retorno definitivo a Buenos Aires, após a instauração da democracia naquele país.

Palavras-chave: exílio; literatura de testemunho; memória.

ABSTRACT: Based on the book *Em estado de memória*, by Tununa Mercado, this work brings a reflection about the challenge to approach the traumatic memories through the writing process. Published in 1990, the book is a collection of 16 narratives from Mercado along her exile in France (1967-1970) and Mexico (1974-1986) during the military dictatorship in Argentine. The book describes experiences with the exile and the return to Buenos Aires, after the establishment of the democracy in that country.

Keywords: exile; literature testimony; memories.

*As alegorias são no reino dos pensamentos
o que são as ruínas no reino das coisas.*
Walter Benjamin (1984)

Em 07 de janeiro de 1977, Roland Barthes afirmava, em Paris, na famosa aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do *Collège de France*, que a língua não era

¹ Mestranda em Estudos da Tradução, UFSC.

outra coisa senão fascista. Pois o fascismo, segundo Barthes, “não é impedir de dizer, mas obrigar a dizer” (2007, p. 14). Partindo desta ideia, e considerando o fato de que nos anos 1970 a América do Sul estava mergulhada em regimes militares, cuja violência nos remete ao totalitarismo vivenciado por países europeus na primeira metade do século XX, para refletirmos sobre o tema proposto, uma questão inicial se impõe: o que nos *obriga* a dizer a palavra exílio?

Tal pergunta parte do pressuposto de que todos nós sabemos a definição dada por nossos dicionários à palavra exílio. Mas o problema é que mesmo em seu reducionismo — e pelo menos no que diz respeito à comparação entre a nossa língua e o espanhol² — as acepções dicionarizadas deste vocábulo parecem nos levar a uma espécie de silêncio em relação à memória histórica³. Um espaço cuja existência permite, por exemplo, a falta de uma referência do *Houaiss* (2002) em relação aos motivos (políticos) que levam uma pessoa ao exílio. E que justifica, para retomarmos a pergunta feita anteriormente, a necessidade de preenchimento das lacunas.

Nesse sentido, e resumidamente, o exílio nos obriga a dizer dos horrores ocorridos na Europa a partir da instauração, no período entre as duas grandes guerras, do Fascismo de Mussolini, na Itália; do Nazismo de Hitler, na Alemanha; do Estado Novo implantado por Salazar, em Portugal; do Franquismo⁴, na Espanha; ou

² Definição de exílio, segundo o *Houaiss*: ato ou efeito de exilar; 1. expatriação forçada ou por livre escolha; degredo; 2. p. met. lugar em que vive o exilado; 3. fig. lugar longínquo, afastado, remoto; 4. fig. isolamento do convívio social; solidão. E segundo a *Real Academia Española* (RAE): 1. m. *Separación de una persona de la tierra en que vive*; 2. m. *Expatriación, generalmente por motivos políticos*; 3. m. *Efecto de estar exiliada una persona*; 4. m. *Lugar en que vive el exiliado*.

³ A memória histórica é compreendida aqui a partir do trabalho desenvolvido por Reyes Mate, sobretudo em seu livro *La herencia del olvido* (MATE, Reyes. *La herencia del olvido*. Madrid: Errata Naturae, 2008). No contexto brasileiro, o termo usado se refere a eventos de violação aos direitos humanos ocorridos durante o período da ditadura no país (1964-1985). Denúncias, documentos e depoimentos sobre tais violações podem ser acessadas atualmente em formato digital em páginas como a do Projeto Brasil: Nunca Mais Digit@l <<http://bnmdigital.mpf.mp.br/#!/>>, Comissão Nacional da Verdade <<http://www.cnv.gov.br/>> e Memórias Reveladas <<http://www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/>>.

⁴ A ascensão do general Francisco Franco ao poder, após o fim da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), levou ao exílio milhares de republicanos — muitos deles, entre os quais nomes como o do

mais recentemente, das ditaduras militares na América Latina que, de meados de 1960 até meados de 1980, deixaram como saldo milhares de mortos, desaparecidos e exilados como a jornalista e escritora argentina Tununa Mercado.

Nascida em Córdoba, em 25 de dezembro de 1939⁵, Tununa Mercado⁶ publicou seu primeiro livro, *Celebrar a la mujer como a una pascua*, em 1967. Nesse mesmo ano, e sob o governo militar do general Juan Carlos Onganía, ela acompanhou o marido, o também escritor Noé Jitrik, à França — país onde o casal e seus dois filhos permaneceriam até 1970. No ano seguinte, de volta a Buenos Aires, Mercado começou a trabalhar como jornalista no diário *La Opinión*, mas a situação política do país⁷ acabou levando-a, em 1974, àquele que seria o período mais longo de seu exílio e que daria origem, anos mais tarde, ao livro *Em estado de memória*⁸.

Exemplo do que chamamos, a partir do holocausto, de literatura de testemunho⁹, *Em estado de memória* foi lançado em 1990 e reúne 16 relatos que contam situações vividas pela autora durante seus exílios na França (1967-1970) e no

escritor Max Aub (1903-1972), foram perseguidos e presos em campos de concentração em consequência da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

⁵ Portanto, 21 anos após a Reforma Universitária de 1918, movimento estudantil que começou com a mobilização de jovens da Universidade Nacional de Córdoba, estendendo-se depois às universidades do restante do país e da América Latina, e que pregava, entre outras coisas, a autonomia e a participação de estudantes e professores na gestão universitária, o livre pensamento e a preocupação de uma atuação voltada para as questões das sociedades latino-americanas. Mais sobre o tema em SADER; GENTILI; ABOITES (2008); SARMIENTO (2010); TERÁN (1998).

⁶ Na verdade, Nilda Mercado. Tununa é apelido de infância que a autora adotou como pseudônimo.

⁷ Neste período, a Aliança Anticomunista Argentina, conhecida como Triple A, era uma ameaça a intelectuais, artistas, estudantes e políticos da esquerda. A ação deste grupo paramilitar, formado durante o governo peronista, foi responsável pelo desaparecimento e pelo assassinato de centenas de pessoas nos anos 1970.

⁸ *En estado de memoria*, no original. Para este trabalho foi usada a edição brasileira, lançada em 2011, pela Record, com tradução de Idelber Avelar.

⁹ O conceito de *Zeugnisliteratur* (literatura de testemunho) ganhou força a partir de 1990 e nos remete à produção de obras inseridas em dois importantes momentos históricos do século XX: ao pós-guerra, na Europa (2ª Guerra Mundial); e às narrativas pós-ditaduras civis-militares, na América-Latina. No contexto da Shoah, entre os autores considerados como referência encontram-se os nomes de Primo Levi (1988, 1997, 2004), Art Spiegelman (2005), Ruth Klüger (2005), Victor Klemperer (1999), entre outros. Já na América Latina, contexto que interessa a este trabalho, consideramos fundamentais para a reflexão do tema os estudos desenvolvidos por pesquisadores como Márcio Seligmann-Silva (2000, 2003, 2005, 2015) e Valéria de Marco (2004).

México (1974-1986), ambos em decorrência de ditaduras militares na Argentina, até seu retorno definitivo a Buenos Aires, após a instauração da democracia no país.

Ao contrário, porém, de narrativas como *Operación masacre*, publicada em 1956, por Rodolfo Walsh¹⁰, o texto de Mercado expõe o terror sem nomeá-lo. Apesar de tratar, como observou Idelber Avelar, do “período mais violento da história moderna da Argentina, ao final do qual o número de mortes e desaparecimentos chegou a 30.000” (AVELAR, 2003, p. 240), *Em estado de memória* não enumera as vítimas, não esmiúça os mecanismos de tortura usados pelo aparelho repressor do estado e nem expõe os acontecimentos que levaram a autora ao exílio.

É exatamente neste silêncio, porém, que nos remete à incapacidade da linguagem de dar conta da memória traumática (AVELAR, 2003), que reside a força do texto de Mercado:

Já que estávamos excluídos do que acontecia na Argentina, já que eram outros que enterravam, outros que comiam a nossas mesas, outros que dormiam em nossas camas, outros que continuavam pertencendo àquele lugar e àquele presente, e já que não podíamos voltar e que ninguém nos reclamava, nem reclamaria que voltássemos, vivíamos por substituição. (MERCADO, 2011, p. 87).

Seus relatos mostram o exílio como uma fratura da qual o corpo jamais se recupera e, no caso da experiência argentina, como uma neurose social que impingiu àqueles que retornaram à pátria a urgência da adaptação e da normalidade¹¹.

Como alcançar, no entanto, a suposta normalidade de uma vida anterior ao retornarmos a uma casa reconstruída, da qual conhecemos as ruínas? Como sobreviver ao que se perdeu nos escombros da antiga morada? Há como escavar a memória e trazer dela elementos capazes de redimir o horror?

¹⁰ WALSH, Rodolfo. *Operación masacre*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2000.

¹¹ Refletindo sobre este tema, Idelber Avelar observa que “[a]o individualizar todos os problemas como assuntos de sucesso pessoal, ao criar sujeitos bem programados que intervêm na polis como consumidores, o discurso da adaptação separa a política da experiência e impõe uma aceitação consoladora da nova ordem mercantil.” (AVELAR, 2003, p. 244).

Na obra *Em estado de memória*, essas indagações, ainda que nem sempre expressas no texto, parecem servir de fio condutor a uma narrativa que se constrói a partir de elementos como a perda da pátria, dos amigos e das referências culturais que explicam o ser humano e sua cultura de origem; as traições da memória, o trauma, a dor do exílio e o silêncio instaurado na democracia que, em sua pungência, mortifica o corpo físico das vítimas: “ter uma parada cardíaca, fazer uma úlcera, ficar cega, cavalgar sobre a taquicardia, padecer de dispneia, ter a pele empipocada, inclusive, morrer para não ver, recuperar ou relembrar.” (MERCADO, 2011, p. 216).

Neste sentido, o corpo, na escrita de Mercado, ganha a dimensão de denúncia. O corpo de personagens como Cindal, que chega a um consultório psiquiátrico gritando por socorro, não é atendido pelo médico e se enforca naquela mesma noite; ou da própria autora que, em seu retorno à Argentina é vítima de ataques de agorafobia, náuseas e gastrite¹².

Ou ainda o corpo de mulheres como Clara Gertel e Laura Bonaparte¹³, que em terras estrangeiras clamavam justiça pelo desaparecimento de outros corpos em manifestações junto à embaixada da Argentina no México; o de Pedro, refugiado espanhol que ainda criança, durante a ocupação de Paris pelos alemães na Segunda Guerra, perdeu-se dos pais e, mesmo tendo a sorte de reencontrá-los depois, jamais se

¹² Em “A doença”, primeiro relato do livro de Mercado, a narradora parte do caso de Cindal para expor efeitos físicos do trauma — “As coisas aconteciam sobretudo na garganta, que se obstinava em reproduzir anginas vermelhas, pultáceas, resistentes a qualquer antibiótico (...). Eu tinha câibras no pescoço e uma incipiente septicemia que poderia ter tido um desenlace definitivo”. (MERCADO, 2011, p. 21) — traçando, ao mesmo tempo, seu percurso por diferentes terapias e tratamentos alternativos em países como França, Suíça e Argentina.

¹³ “Clara Gertel, que se levantava na primeira fileira, em meio aos meninos, e tirava de sua bolsa as duas únicas fotos que lhe haviam restado de seus dois filhos desaparecidos. (...) Outra mãe, Laura Bonaparte, levava cartazes para cada um dos filhos, das filhas, dos genros, e das noras desaparecidas e por seu marido morto na tortura; eram tantos os seus mortos, que tinha de segurar os cartazes um de cada vez ou distribuir seus retratos entre seis pessoas, até que optou por colocar uma grande placa com o nome de toda a sua família exterminada.” (MERCADO, 2011, pp. 149-150).

recuperou¹⁴; e o corpo da própria narrativa, cuja fragmentação expõe a urgência e o difícil exercício de remontar, a partir da memória e por meio da escrita, o trauma.

Se como aponta Avelar, o “sobrevivente da hecatombe nunca narra o que deve ser narrado” (AVELAR, 2011, p. 236), em *Em estado de memória*, Mercado parece assumir a derrota que tal sentença pressupõe, usando-a como mola propulsora na construção da narrativa: “não se escreve, nem se pinta o que se vê, ouve, cheira ou sente, tampouco se escreve no lugar onde se executam essas ações de ouvir, ver ou sentir” (MERCADO, 2011, p. 171). Plasmados em meio à imprecisão, seus relatos não apenas dispensam a linearidade temporal como também expõem a impossibilidade de reconstrução fidedigna do passado:

O tempo do exílio tem o trajeto de um grande traço, estende-se segundo um ritmo amplo e aberto, suas curvas são como as ondas, oceânicas e distantes das praias, que não têm baixios e se parecem mais com a ideia de horizonte; o tempo acontece mais além, em outro lugar, que se ouve transcórrer nos silêncios da noite, mas que se separa, não se quer perceber porque se supõe que o desterro vai terminar, que se trata de parêntesis que não contam em qualquer devir. (MERCADO, 2011, p. 34).

Consciente ou não das limitações que a linguagem impõe frente à memória traumática, Mercado opta por desnudar o corpo do texto, deixando à mostra suas rupturas e vazios. Neste sentido, criador e criatura parecem assumir uma forma simbiótica, como se a “doença” da qual fala a autora — “Inutilmente, verti meu sangue em provetas e submeti meus fluídos a cultivos, e nada aconteceu; a cura passou longe, sem me ver” (MERCADO, 2011, p. 21) — se estendesse à narrativa, fazendo emergir dela uma estrutura labiríntica e alegórica da qual dificilmente o leitor sairá ileso.

¹⁴ “Mas o aparente final feliz, a reunião familiar, não conseguiu, de todo modo e contra qualquer previsão, mitigar os danos no menino, nem no pai, nem, sobretudo, na mãe. Pedro passou a vida esperando a mãe, que havia ido buscar água, e ela procurando o filho, que seguiu até o sul.” (MERCADO, 2011, p. 129).

A CASA E SUAS RUÍNAS

Se, por um lado, o ponto de interseção entre o antes e o depois passa pelo corpo, por outro, alguns relatos de *Em estado de memória* parecem encontrar na imagem da casa onírica, da qual fala Gaston Bachelard (2008, p. 32), o símbolo não apenas da perda, mas, sobretudo, da memória: “a casa de minha infância em Córdoba aparecia em meus sonhos, repleta de guarda-roupas sem saída, nos quais eu era presa em meio às fricções da seda, do algodão ou da lã. Em um de seus quartos mais remotos e de meu berço, eu olhava o jogo de luzes e sombras da sesta e sentia pavor.” (MERCADO, 2011, p. 141).

Assim, das repetidas visitas a casa onde viveu Trotsky, no México, passando pelos pesadelos ou pela constatação da narradora de que nada lhe “pertencia e de que tudo era provisório” (MERCADO, 2011, p. 140) nos lugares onde viveu o exílio, a casa surge como uma espécie de estatuto. Um referencial para o exercício empreendido nos corredores da memória, como se Mercado tomasse para si, no ato da escrita, as palavras de Bachelard: “Posso então esperar que minha página contenha algumas sonoridades verdadeiras, ou seja, uma voz tão longínqua em mim mesmo que será a voz que todos ouvem quando escutam o fundo da memória.” (BACHELARD, 2008, p. 32).

Mas para além de um símbolo de resistência às águas do Lete, a casa *Em estado de memória* é também um elemento alegórico do trauma, das significâncias do exílio não traduzidas pela linguagem. Uma imagem onde a face do horror deixa de habitar o passado para assombrar o futuro:

A casa já estava ali, dessa vez, era um apartamento que haveríamos de ocupar em nosso regresso à Argentina, havia sido adquirido, saía do sonho e do projeto. Não obstante, eu sonhei com ela, e uma força recorrente voltou a configurar em meu pesadelo a reiterada estrutura modular: os quartos inexplorados só continham terror, que crescia à medida que se aproximava o momento de habitá-los. (MERCADO, 2011, p. 143).

A casa de *Em estado de memória* não guarda nenhum conforto, nenhuma segurança, nenhum alento — ela não é um refúgio absoluto, não é o ninho que desconhece a hostilidade do mundo (BACHELARD, 2008). Suas paredes, construídas sobre ruínas, guardam a memória do trauma e habitá-la significa perpetuar a dor do indizível. Nesse sentido, podemos pensar que as imagens do corpo e da casa (inexistente) exploradas na narrativa convergem na figura de Andrés¹⁵, o homem que vive na praça — “porque ele havia *escolhido fazê-lo*, em desamparo, sob um teto agonizante e carcerário” (MERCADO, 2011, p. 193, grifos da autora).

Vivendo (e escrevendo) sob a intempérie, Andrés parece sintetizar a precariedade com a qual as vítimas do exílio são obrigadas a lidar na hora de confrontar suas ruínas. Sua invisibilidade social se coaduna com os corpos açoitados pela memória e as sombras espalhadas pela cidade — de onde vemos surgir o medo, o desamparo, a fratura que não sara: “A vertigem sentida nas costas é pior que a atração do vazio, é o imã do desconhecido, é uma boca em que se obriga a entrar” (MERCADO, 2011, p. 217) — funcionando também como um símbolo da urgência da escrita e suas fragilidades.

Não sei se estes exercícios de controle de minha própria escrita sobre a escrita própria do homem e sua condição de intempérie eram exigências de pureza, mas eu necessitava de uma química seletiva, saber qual índole de mensagem proferia esse homem na praça e sua circunstância, e de que maneira tinha que ser atendido, dadas as minhas próprias circunstâncias de regresso à Argentina. Quais eram, nessa vulnerabilidade, suas partes e as minhas. (MERCADO, 2011, pp. 189-190).

¹⁵ A figura de Andrés é descrita em “Intempérie”, o relato mais longo do livro. Neste relato, a narradora discorre sobre os sentimentos ambíguos de urgência e medo em conversar com Andrés, homem que vive em um banco de praça e que ela observa a distância por quase um mês até decidir aproximar-se para saber de sua história.

E de quem é, afinal, a voz que nos fala sobre o homem na praça ou indaga a seu respeito? Que revela a dor somatizada pelo corpo ou guia o leitor entre os corredores da casa, as ruas da cidade, os labirintos da memória? Responder simplesmente que é a própria Mercado seria o mesmo que postular à sua narrativa o *status* de autobiografia¹⁶. Por outro lado, frente à necessidade de identificar e/ou problematizar esta voz, um caminho possível é dado a partir das seguintes palavras de Noé Jitrik:

Além do caráter autobiográfico do texto, não se poderia identificá-la, sem problematizações, com a assinatura de Mercado, como se o texto não fosse fundamentalmente uma operação vertiginosa sobre tal assinatura. A saída que encontramos numa versão anterior deste trabalho, designando-a “protagonista” sem mais, implicitamente romanceava o texto e lhe tirava algo de sua dimensão mais perturbadora. Designarei-a aqui, então, e de modo não totalmente satisfatório, alternativamente como “voz narradora” e “sujeito do texto.” (JITRIK *apud* AVELAR, 2003, p. 287, nota 15, grifos do autor).

Para além da dificuldade apontada acima por Jitrik (*apud* AVELAR, 2003), importa ressaltar que a voz de *Em estado de memória* não se furta a usar da incerteza, do lapso e da interrupção como estratégias que parecem extrapolar a tessitura da narrativa e levar o leitor ao vazio que antecede a própria escrita — provando que é possível fazer da sombra, uma mão que sufoca; e do estilhaço da ruína, o fragmento significativo. (BENJAMIN, 1984, p. 200).

REFERÊNCIAS

AVELAR, Idelber. A escrita do luto e a promessa de restituição. In: *Alegorias da derrota — A Ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina*. Tradução de Saulo Gouveia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

¹⁶ Sobre este tema, que o presente artigo não se propõe a discutir, são referências as obras de Philippe Lejeune, sobretudo as que abordam questões levantadas por ele no ensaio *Le pacte autobiographique* (1975) e em livros posteriores onde Lejeune retoma o conceito de pacto autobiográfico. No Brasil, a editora da Universidade de Minas Gerais lançou do autor, em 2008, uma série de ensaios organizados e traduzidos por Jovita Maria Gerheim Noronha, sob o título *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

HOUAISS, Antônio *et al.* *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0.5a. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. 1 CD-ROM.

KLEMPERER, Victor. *Os Diários de Victor Klemperer: Testemunho clandestino de um judeu na Alemanha nazista*. Tradução de Irene Aron. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

KLÜGER, Ruth. *Paisagens da Memória: Autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*. Tradução de Irene Aron. São Paulo: Editora 34, 2005.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução de Luigi Del Rey. Rocco: Rio de Janeiro, 1988.

_____. *A trégua*. Tradução de Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Os afogados e sobreviventes*. Tradução de Luiz Sérgio Henrique. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

MARCO, Valéria de. A literatura de testemunho e a violência de Estado. In: *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, nº 62, São Paulo, 2004. In: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n62/a04n62>>. Acesso em jun. 2015.

MATE, Reyes. *La herencia del olvido*. Madrid: Errata Naturae, 2008.

MERCADO, Tununa. *Em estado de memória*. Tradução de Idelber Avelar. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SADER, Emir; GENTILI, Pablo; ABOITES, Hugo (orgs.) *La reforma universitaria: desafíos y perspectivas noventa años después*. Buenos Aires: CLACSO, 2008.

SARMIENTO, Domingo F. *Facundo, ou civilização e barbárie*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. "A história como trauma". In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000, pp. 73-99.

_____. (org.). *História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

_____. Literatura e Trauma: um novo paradigma. In: *O local e a diferença. Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005, pp. 63-80.

_____. *Testemunho da Shoah e literatura.* In: <http://diversitas.fflch.usp.br/files/active/0/aula_8.pdf>. Acesso em set. 2015.

_____. Narrar o trauma: A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. In: *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, vol. 20, n.1, 2008. In: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>>. Acesso em set. 2015, pp. 65-82.

SPIEGELMAN, Art. *MAUS: A história de um sobrevivente.* Tradução de Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TERÁN, Oscar. (org.). *Ideas en el siglo: intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano.* Buenos Aires: Siglo XXI, 1998.

Submetido em: 19/07/2015

Aceito em: 14/09/2015